

### O baú de Chattot

**D**obrámos o primeiro fim-de-semana e seguimos ao encontro dos espectáculos que aí vêm: que surpresas, e que perguntas, e que espantos nos reservam? Com a entrada do Festival nos “dias úteis” chegam os Colóquios na Esplanada. Tempo para reflectir, com tempo, sobre as peças a que assistimos nos três últimos intensos dias. Que têm esses textos que ver com as nossas vidas?

No espectáculo a que assistimos no salão de festas da Incrível Almadense, François Chattot, Martine Schambacher e Jacques Mazeran sacavam objectos de dentro de um baú. Coisas relativamente banais: figurinos sem lantejoulas, um telefone analógico, um serviço de chá sem dourados, um *croissant* nitidamente originário de uma conhecida cadeia de supermercados portuguesa... Demonstraram-nos que o teatro pode viver sem grandes prestidigitações tecnológicas, quando sabe munir-se daquilo que mais falta lhe faz: um bom texto e bons actores. A tal poesia. *Amitié* homenageia a tradição do artesanato teatral, que Pasolini defendia, contra o “porno-lixo televisivo” que grassava na sua época. (Que diria o poeta italiano se ainda fosse vivo?).

E cabe tudo dentro de um baú, cheio de pequenas coisinhas sem muita importância. Podia ser sempre assim, o teatro. | **Rodrigo Francisco**

P.S. Tiago Rodrigues foi hoje nomeado director artístico do Festival d'Avignon. Trata-se tão-só do principal festival de teatro do Mundo. Eu, que vibrei com a precoce eliminação da selecção portuguesa de futebol no último campeonato da Europa, sinto-me agora cheio de orgulho pátrio. Nunca um criador português tinha chegado tão longe na sua carreira. Se não é motivo para andarmos com um sorriso nos lábios, então não sei.

# Semear a árvore, colher os frutos

**U**ma árvore com espectadores à volta é o nome da exposição que, durante a 38.ª edição do Festival de Almada, invade todo o foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite, e constitui, objectivamente, a porta de entrada para comemorações do 50.º aniversário da Companhia de Teatro de Almada.

José Manuel Castanheira, o criador autor da exposição, regressa assim aos palcos do Festival (também de forma literal, porque, para além da exposição, é também de sua autoria o cenário para a peça de estreia, *Hipólito*, de Eurípidés), conduz o espectador numa viagem de forte sentido poético.

A exposição parte de um certo lado onírico, pensado por Joaquim Benite: sobre a primeira pedra do “Teatro Azul”, da responsabilidade dos arquitectos Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, plantou-se uma árvore que vai crescendo a par do próprio teatro; os seus ramos crescem, desenvolvem-se, e fazem pontes com a diversidade que enraíza numa história, em que se procura desenvolver uma reflexão sobre a importância do público, enquanto memória viva de uma comunidade, de um teatro: sem público, não há teatro; são os espectadores que permitem fixar a memória que faz da Companhia de Teatro de Almada um corpo vivo a apontar caminhos de futuro. Compreende-se melhor o que se foi e porque se é, quando se toma consciência da própria identidade, firmemente apostada na construção de um futuro.

A exposição convoca um passado de 50 anos. Metaforicamente, é à sombra de três ramadas da árvore, que a exposição se situa,



três vertentes fundamentais que tornam esta companhia distinta no panorama nacional, aqui homenageadas por Castanheira: o público, o lado de lá do espelho em que o teatro se revê, as digressões e a ocupação do mundo pela companhia, e também o modo como a CTA faz de sua casa o abrigo para companhia estrangeiras, num permanente diálogo intercultural. Este périplo por trinta e oito cartazes confronta-

-nos, então, com a dimensão da diversidade geográfica da companhia, sempre entre Portugal e o Mundo. Com esta possibilidade de ver os 38 cartazes, desenhados ao longo destes 37 anos, vem a lume a maior consciência da importância que a CTA tem tido nos espaços e no tempo, e esta simbiose do teatro com o público que, no fundo, o constitui, de cada vez que um «actor acende a boca». | **Pedro Barros**

# Mística teatral



© Luana Santos

Edite S. Condeixa, 43 anos de plateia

O Grupo de Teatro de Campolide chegou ao Teatro da Academia Almadense, em 1978.

Recordo ainda que, nesse ano, levaram *1383* a algumas escolas e vi-os, com alunos meus, na Escola 2 e 3 D. António da Costa, espantadíssima por estar com atores “a sério”, misturados com o público.

Estes contactos diretos com públicos diversos criaram uma mística única entre teatro e espetadores. Quando ainda hoje se refere que o público de Almada é o melhor público do mundo, sinto que a génese vem desses tempos iniciais, da união entre atores e espetadores.

Os dois diretores artísticos da companhia, Joaquim Benite e posteriormente Rodrigo Francisco, sempre fomentaram esses elos, a que todos nós somos sensíveis.

Em 1982 houve uma peça que me marcou muito, por falar da resistência anti-salazarista, *Tempos Difíceis*, de Romeu Correia. Ainda hoje conservo a folha de sala deste espetáculo.

Em 1984 iniciou-se o fabuloso Festival Internacional de Teatro de Almada: “um coração do mundo”, como alguém afirmou e como eu própria realçava em conversas com Joaquim Benite.

Nunca esquecerei as representações de tantos extraordinários atores, e permita-se-me o destaque para Teresa Gafeira no *Memorial do Convento*, de José Saramago e na *Mãe Coragem*, de Brecht, entre outros.

Desde 2005 “temos” o nosso Teatro Municipal Joaquim Benite. A programação, sempre excelente, começou em boa hora a incluir música e dança, retomando o teatro infantil, o que leva cada vez mais público a fruir a Companhia de Teatro de Almada, cuja equipa se felicita pelos seus 50 Anos.

## O FESTIVAL VISTO DE FORA

# Almada é Festival



© Luana Santos

Caroline Châtelet, da *scèneweb*, visitou o Festival pela primeira vez no ano passado

Conhecia o Festival de Almada mesmo antes de cá vir. “Tens de ir a Almada”, diziam-me vários artistas (actores como François Chattot e Martine Schambacher), assim como outros jornalistas (Marina da Silva, Jean-Pierre Han...). Para estes franceses, nomear a cidade de Almada é suficiente para designar o evento. Muito mais do que uma abreviatura, esta metonímia designa apropriadamente o projecto do Festival.

Trata-se de um evento ancorado na sua cidade, na ligação com o público, e que convida à descentralização, dada a sua situação periférica relativamente a Lisboa. Os autores clássicos cruzam-se com

os contemporâneos, e as grandes produções com as mais pequenas — todos os espetáculos são apresentados no mesmo espírito.

Estabelece-se uma forma de desafiar as hierarquias de conteúdo e de forma, convidando os espectadores, as equipas e os artistas a irem ao encontro uns dos outros, para que troquem experiências e discutam ideias. E não importa se as obras abordam questões políticas ou não. Para além do facto de o teatro nos dizer sempre algo, o próprio Festival cria em nós a necessidade de estabelecer um diálogo com as peças em cena: aquilo que dizem, e os efeitos que nos causam.

## Hipólito na Esplanada

Rogério de Carvalho, encenador do espectáculo *Hipólito*, vai estar amanhã, às 18h, na esplanada do TMJB, para conversar com os espectadores do Festival sobre a peça que dirigiu. A crítica de teatro Ana Isabel Vasconcelos vai moderar o colóquio. *Hipólito*, de Eurípedes, inaugurou o Festival no dia 2 de Julho e foi a 177.ª criação da CTA. Rogério de Carvalho — que encenou a primeira peça na Companhia de Teatro de Almada em 1986, e com uma longa e muito premiada carreira — dirigiu o espectáculo comemorativo dos cinquenta anos da CTA, no qual Teresa Gafeira volta a interpretar o papel de Fedra.

## Encontros imediatos



© Luana Santos

Ontem Rui Teigão (na foto, de costas) avaliava a possibilidade de adquirir o livro de Édouard Louis *Quem matou o meu pai*, quando no foyer do TMJB lhe surge... o próprio Édouard Louis! Caneta, autógrafa, e certamente a inveja dos seus colegas da DG-Artes.

### AGENDA DE AMANHÃ

18:00  
**Conversa com Rogério de Carvalho**  
 Esplanada do TMJB

20:30  
**Amitié**  
 Incrível Almadense

### RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE  
 Esparguete à bolonesa  
 Lulas recheadas

AMANHÃ  
 Rolo de carne com tâmaras  
 Pescada com ameijoas

Teatro Municipal Joaquim Benite  
 Av. Prof. Egas Moniz • Almada

